

Agricultor do povo
Wixarica abençoa
um campo de milho
recentemente
colhido na região
Centro-Oeste do
México



A Agroecologia é **UMA REVOLUÇÃO** **EPISTEMOLÓGICA**

■ Diana Quiroz entrevista Victor M. Toledo



mexicano Victor M. Toledo é etnoecólogo da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam) e um ativista social. Seu trabalho concentra-se principalmente no estudo de sistemas de conhecimento e sistemas agroecológicos. Nesta entrevista, Toledo explica por que a construção coletiva do conhecimento é uma parte integrante da Agroecologia e discute as mudanças necessárias para que essa forma de agricultura ganhe terreno globalmente. Ele argumenta que a Agroecologia é em si uma grande mudança na nossa relação com o conhecimento.

QUAL É O PAPEL DO CONHECIMENTO NA AGROECOLOGIA?

Para responder a essa pergunta, gostaria de fazer referência à definição de Agroecologia elaborada por Alexander Wetzel. Nosso colega francês definiu a Agroecologia, em primeiro lugar, como uma ciência. Isso é óbvio, uma vez que a Agroecologia gera conhecimento científico no sentido mais estrito. No entanto, assim como muitas outras disciplinas híbridas (por exemplo, a Ecologia Política, a História Ambiental e a Economia Ecológica), a Agroecologia representa um salto epistemológico e metodológico que propicia novas maneiras de fazer ciência. Ou seja, a Agroecologia já constitui um novo paradigma científico. É uma ciência política e socialmente comprometida.

Em segundo lugar, a Agroecologia também é uma prática. Ou seja, ela envolve inovação tecnológica e prática. No entanto, não se trata de uma inovação tecnológica que surge em centros de pesquisa e depois é repassada para os agricultores. A inovação tecnológica na Agroecologia resulta tanto do conhecimento tradicional camponês quanto do conhecimento acadêmico.

Finalmente, a Agroecologia também é um movimento social. Isso fica claro, por exemplo, nos congressos e encontros de Agroecologia que, basicamente, consistem em oportunidades para a reunião de acadêmicos, gestores públicos e representantes de organizações de agricultores e movimentos sociais.

QUAL É O PAPEL DO AGRICULTOR NOS ESPAÇOS DE INOVAÇÃO SOCIAL?

Eu gostaria de situar a minha resposta a essa pergunta no contexto da incipiente crise global ambiental, social e econômica, destacando como algumas experiências latino-americanas são exemplos de possíveis soluções para essa crise.

Em primeiro lugar, há o exemplo de Cuba. Após o colapso da União Soviética, Cuba, que exportava açúcar em troca de petróleo, subitamente confrontou-se com a falta de energia e de um mercado amplo para seu mais importante produto agrícola. O país passou por momentos muito difíceis. Diante desse contexto extremamente adverso, as pessoas se organizaram em bairros, distritos e cidades e encontraram na Agroecologia uma forma de superar a crise alimentar. A conversão do sistema

agroalimentar impulsionada por agricultores e consumidores foi tão bem-sucedida que o governo não tinha alternativa a não ser apoiá-la. Da mesma forma, os movimentos de agricultores mais importantes do Brasil estão conseguindo enfrentar uma grave crise social (a grilagem massiva de terras, *land grabbing*, em inglês)¹ adotando a Agroecologia como seu paradigma principal.

Outro exemplo que ilustra o papel dos agricultores vem do México e da América Central, onde os agricultores usam a metodologia *campesino a campesino* (agricultor a agricultor). Essa metodologia consiste no compartilhamento de conhecimentos entre agricultores para ajudar uns aos outros na aplicação de princípios agroecológicos em seus contextos locais. No México, podemos destacar as comunidades indígenas produtoras de café, detentoras de um conhecimento milenar e, ousado di-

¹ O termo *land grabbing* vem sendo utilizado de maneira recorrente por movimentos sociais para designar o fenômeno atual de apropriação de grandes extensões de terra por investidores públicos ou privados, visando tanto à exploração agrícola como o controle de recursos naturais (água, minérios ou florestas). No Brasil, acreditamos que *grilagem* é a tradução mais adequada para o termo por remeter ao histórico processo de expropriação de terras indígenas e camponesas por meios fraudulentos (N. da T.)

zer, pioneiras na produção de café orgânico em todo o mundo, sendo uma das experiências catalisadoras do movimento agroecológico no país. Além disso, a Agroecologia mexicana, reconhecida por ser firmemente enraizada nas tradições de culturas indígenas mesoamericanas, tem despertado um interesse crescente entre os agroecólogos.

DE QUE FORMA OS CIENTISTAS CONTRIBUEM PARA A CONSTRUÇÃO COLETIVA DO CONHECIMENTO AGROECOLÓGICO?

Em termos gerais, um dos princípios fundamentais da Agroecologia é o reconhecimento do valor da agricultura tradicional. Ao valorizar e aprender com a sabedoria ancestral, a inovação emerge. Na Agroecologia, adotamos o que se convencionou chamar de *diálogo de saberes*, que está associado à descolonização da mente. Agroecólogos não pensam que sabem tudo. Não são como agrônomos convencionais, que se colocam diante dos camponeses com uma postura de supremacia e arrogância. Os agroecólogos não ensinam os agricultores como fazer agricultura. Eles se envolvem em um diálogo intercultural que aceita que a ciência não é a única maneira de olhar, transformar e emancipar o mundo.

Na América Latina, por exemplo, os agroecólogos estão sendo influenciados pela chamada *epistemologia do Sul*. Trata-se de um processo de descolonização do viés cultural que herdamos de pensamento europeu. Essa tendência está inserida no processo mais amplo de descolonização da mente, em que pensadores mais críticos da região questionam paradigmas como *progresso*, *desenvolvimento* e *competitividade*. Esses paradigmas são justamente aqueles que fundamentam o sistema agroindustrial de produção de alimentos.

PODERIA CITAR UM EXEMPLO DE SISTEMA AGROECOLÓGICO CRIADO A PARTIR DESSE DIÁLOGO DE SABERES?

Tomemos o exemplo do café. Segundo o pensamento convencional, a demanda do mercado impulsiona a modernização dos sistemas de produção de café, isto é, o seu cultivo como uma monocultura e em grande escala, utilizando máquinas, fertilizantes químicos e agrotóxicos. Já o café produzido em sistemas agroecológicos é cultivado por agricultores familiares. No México, particularmente, as comunidades indígenas cultivam café não convencional sob sombreamento em sistemas agroflorestais altamente diversificados. Portanto, essas comunidades incorporaram uma cultura com fins comerciais em seu manejo tradicional de florestas genuinamente antropogênicas. Em outras palavras, o café, um produto relativamente novo, foi introduzido em sistemas que já existiam desde os tempos pré-hispânicos.

O QUE PRECISAMOS É DE
UMA CIÊNCIA QUE RESPONDA
AOS DESAFIOS DE UM
MUNDO EM CRISE, UMA
CIÊNCIA QUE EFETIVAMENTE
SE DEDIQUE A QUESTÕES
ECOLÓGICAS E SOCIAIS
CRÍTICAS E EMERGENCIAIS

As comunidades indígenas estão na vanguarda da produção agroecológica de café



Foto: Enrique Carrasco

Plantio consorciado de café com tomate

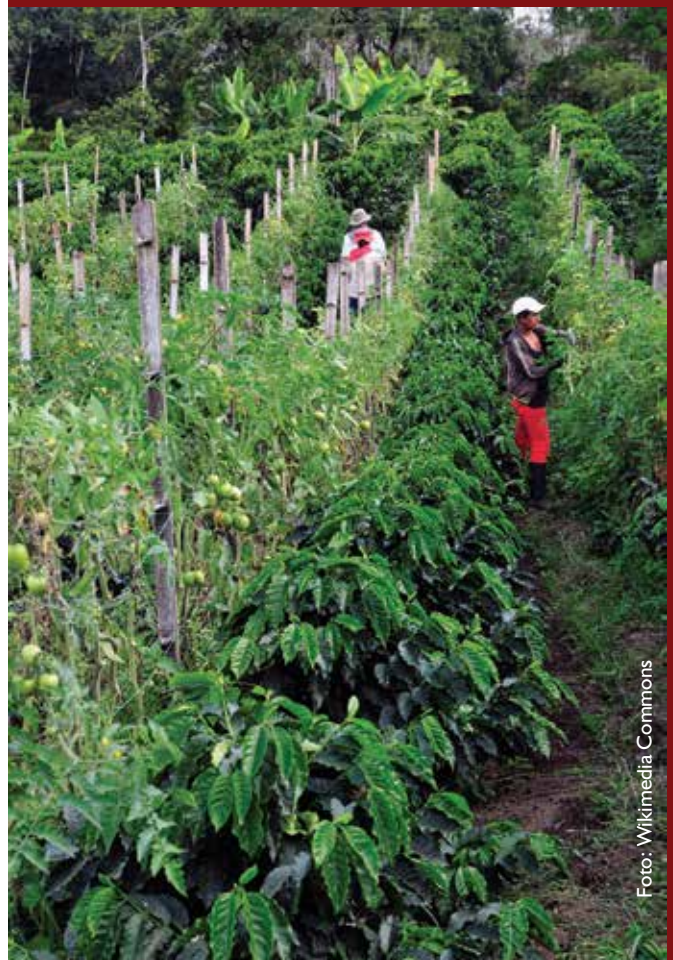


Foto: Wikimedia Commons

É importante salientar que a Agroecologia não repudia a modernidade, apenas postula uma modernidade alternativa. A Agroecologia propõe uma modernidade que não destrói a tradição, mas que se constrói a partir da tradição; uma modernidade que respeita saberes e culturas tradicionais e que busca a confluência de conhecimentos e experiências. Também não podemos nos apegar ao pensamento romântico de que *tudo o que temos a fazer é resgatar a tradição*. Tradição também tem as suas próprias falhas e limitações. A produção agroecológica de café é um belo exemplo de como a combinação de modernidade e tradição pode gerar sistemas muito avançados de produção de alimentos.

O QUE É PRECISO PARA QUE ESSE DIÁLOGO DE SABERES GANHE MAIS RECONHECIMENTO EM UNIVERSIDADES E INSTITUTOS DE PESQUISA?

Primeiro, devemos entender que, quando existe um dilema envolvendo duas formas fundamentais de produção de alimentos, é natural que surja um conflito. Na ciência, a Agroecologia desafia todo um sistema de pesquisa e disseminação do conhecimento, gerando assim uma batalha que tem lugar em universidades e centros de pesquisa e tecnologia.

No entanto, nos meus últimos 25 anos de experiência profissional, tenho verificado na América Latina a implantação de um número cada vez maior de programas acadêmicos nos quais a Agroecologia é ensinada ou pesquisada. A força que impulsiona esse processo é a prova de que não se trata apenas de uma revolução epistemológica, mas também de uma revolução cognitiva e cultural.

Um exemplo dessa tendência ocorre na região andina, principalmente na Bolívia, onde foi criado há alguns anos um programa de Doutorado em Agroecologia por ex-alunos do programa de Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Córdoba (Espanha). A maioria desses novos graduados bolivianos é formada por agricultores de origem Aymara ou pelos seus filhos. Esse programa não foi apenas o primeiro do gênero na América Latina, mas também vem sendo reconhecido pelo seu alto nível acadêmico. Nesse meio tempo, também foram criados programas de Agroecologia em Honduras, na Colômbia e no México. Acredito que essa difusão da Agroecologia na América Latina deverá se estender por todo o mundo.

Além disso, devo destacar outra corrente especialmente importante (à qual pertencço) que vem se desenvolvendo paralelamente ao movimento de ciência e prática agroecológica: a etnoecologia. Ao ter como foco o conhecimento tradicional, a etnoecologia está ampliando os horizontes do paradigma do conhecimento científico convencional e ortodoxo para abar-



Victor M. Toledo

car o conhecimento tradicional. Essa é uma força que vem crescendo a um ritmo impressionante, especialmente entre os jovens pesquisadores que promovem a integração de diferentes tipos de conhecimento para o futuro da humanidade.

O QUE VOCÊ CONSIDERA NECESSÁRIO PARA QUE ESSA MUDANÇA DE PARADIGMA OCORRA EM UMA ESCALA GLOBAL?

Nos próximos anos, virá um período em que teremos que definir melhor esse novo paradigma. Isso implicará discussões acerca do papel da ciência e da pesquisa em termos culturais, éticos e até mesmo políticos. O que precisamos é uma ciência que responda aos desafios de um mundo em crise, uma ciência que efetivamente se dedique a questões ecológicas e sociais críticas e emergenciais.

No momento, estamos experimentando o colapso dos grandes dogmas, dos grandes mitos da modernidade e, embora estejamos caminhando para substituí-los em nossas discussões, ainda há muito a ser feito na prática. Temos que ser honestos e reconhecer que, embora o conhecimento tradicional venha ganhando importância, a ciência convencional ainda trata os produtores desse conhecimento como meros objetos de estudo. Por meio do *diálogo de saberes*, o pesquisador acaba incorporando um novo sentido aos processos de produção do conhecimento e começa a aceitar a necessidade de um novo paradigma científico.

Isso remete à primeira pergunta desta entrevista. O papel que o conhecimento desempenha na Agroecologia enquanto uma ciência-movimento-prática serve de exemplo de como poderia se configurar uma mudança de paradigma. Além disso, as diferentes experiências agroecológicas na América Latina fornecem exemplos de como responder a essa crise. A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que a Agroecologia é, em si, uma revolução epistemológica.